

SENTIDOS DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO PARA OS JOVENS ESTUDANTES EVANGÉLICOS DO ENSINO SUPERIOR

Sueline Gusmão Soares

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
suelgusmao@outlook.com

Núbia Regina Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
nrmoreira2@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe-se a compreender em que medida o acesso ao conhecimento científico por jovens evangélicos gera impactos em suas práticas cotidianas. Busca investigar os conflitos decorrentes do confronto entre religião e ciência quando esses alunos se inserem na universidade.

Palavras chave: Educação. Religião. Sociologia da Educação.

Introdução

O pensamento religioso possui um traço que o distingue entre os demais: os dois domínios que dividem o mundo, cujas palavras de melhor tradução seriam: *sagrado e profano* (DURKHEIM, 2008).

Para Émile Durkheim, o primeiro sistema de representações que o homem teria construído para si seria o religioso. A religião pode ser considerada como instrumento de organização do mundo, já que há uma dicotomia nas categorias *sagrado e profano*. Além disso, o totemismo é útil a Durkheim na elaboração da teoria de que a ideia (pensamento) de *sagrado e profano* não é um dado, mas uma representação coletiva que não é imanente. É no âmbito das relações sociais em que está a noção das coisas sagradas, que as representações coletivas se desenvolvem. A mente humana, por outro lado, é a sede onde as categorias de entendimento se desenvolverão. Ainda de acordo com Durkheim, dentre essas categorias estão as crenças, e estas, portanto, seriam o meio pelo qual a sociedade qualifica as coisas como sagradas ou profanas.

Durkheim e Weber definem religião como fenômeno social (FABIEN, 2015), por isso entendemos que as análises sociológicas apresentadas nesta pesquisa acerca das forças religiosas que incidem sobre os indivíduos não poderiam dispensar as contribuições epistemológicas desses autores.

Nesse sentido, cabe-nos analisar como a religião é capaz de orientar seus adeptos sob a égide das categorias supracitadas mediante a aplicação de doutrinas

institucionalizadas. Ou seja, essas categorias de pensamento presentes na mente humana regem as condutas daqueles que pertencem a um segmento religioso porque tomam como real aquilo que é abstrato: a crença e as ideias religiosas.

A religião não é tomada apenas como um fenômeno metafísico, mas como um fenômeno determinante para o comportamento dos indivíduos em sociedade, suas tomadas de decisões, eleição de representantes e seu próprio *ethos*, que ainda segundo Geertz “é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1926, p. 93).

Sujeitos de pesquisa

A partir do que foi dito, apresentamos este trabalho de pesquisa, ainda em curso, que versa sobre a inserção dos jovens adeptos da religião protestante — também chamados de evangélicos — no espaço universitário e pretende investigar os sentidos por eles atribuídos ao conhecimento científico. Pretendemos ainda observar, na hipótese da existência de conflitos enfrentados por esses sujeitos no ambiente acadêmico, se tais conflitos derivam da confrontação estabelecida a partir do contato com os conhecimentos científicos que se antagonizam com suas crenças religiosas. Ao atualizarmos o debate clássico entre ciência e religião, buscamos contribuir para a ampliação da disputa em torno do conhecimento e sua representação no currículo das Ciências Humanas, realçando o seu papel nas instituições de ensino.

Para analisarmos o conjunto de questões que envolvem esta pesquisa, é necessário compreender o processo histórico de crescimento do número de jovens evangélicos que adentram ao espaço universitário.

De acordo com o censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000, a taxa de escolarização das pessoas de 5 a 24 anos de idade, por religião, segundo os grupos de idade no Brasil, aponta uma redução significativa para a faixa que teoricamente estaria frequentando o curso superior. Dentre os grupos analisados, os evangélicos na faixa etária de 20 a 24 anos apresentaram taxas de escolarização no nível superior de 30,2% dos evangélicos de missão; 20,6% de origem pentecostal e 24,9% de outras denominações (IBGE, 2012).

O censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010) apresenta dados de pessoas de 15 anos ou mais de idade que concluíram o curso superior e que pertencem ao grupo religioso dos evangélicos. O número de pessoas evangélicas de missão caiu para 12,1%; evangélicos de origem pentecostal para 4,1% e os evangélicos de outras denominações para 8,4%.

Esses resultados indicam importante diferença entre os dois últimos levantamentos do IBGE na medida em que os mesmos apresentam um menor número de evangélicos com nível superior completo.

Educação e Religião

É imperioso destacarmos que a educação no Brasil tem sido alvo de interferência religiosa na medida em que o cenário político brasileiro conta com proeminente participação da Bancada Evangélica composta por parlamentares católicos, protestantes e espíritas. Faz-se necessário, portanto, mencionar acerca da laicidade do Estado Brasileiro, que é um conceito importante para a compreensão da participação religiosa na esfera política educacional brasileira.

Em 1889, com o advento da Proclamação da República, essa relação passa a ser vista como um problema, já que, “*Com a República, triunfaram as idéias liberais (...). Com efeito, o Decreto nº 119-A, de 7 de Janeiro de 1890, determinou a separação da Igreja do Estado, confirmada pela Constituição de 1891*”, apontando que, a partir daí, “*Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos*” (NAGLE, 1974, s/p.). O Brasil deixou de ser um Estado confessional católico, passando a ser laico.

Pelo exposto acima, notamos que a escola pública não sofreria a influência da Igreja na formulação e aplicação dos seus conteúdos, entretanto, podemos constatar que a imposição político-ideológica ainda é praticada no campo educacional na atualidade. Vale ressaltar que existem disputas curriculares entorno da educação brasileira envolvendo os setores religiosos e os setores da ciência que, numa perspectiva teórica, têm se esforçado para que o campo educacional seja visto também como campo político (LOPES, 2013 *apud* OLIVEIRA, 2015), onde nele se produz sentidos a partir das ações dos sujeitos, envolvidos por relações, sobretudo de poder. Essas relações possibilitam as continuidades e rupturas entre os diferentes atores sociais. As demandas particulares são fundamentais para a formação de alianças e corpos coletivos, por exemplo. Identidades distintas podem agora ocupar um mesmo espaço, provisoriamente, para legitimar as suas demandas em comum (LOPES, 2013).

Nessa perspectiva, cabe mencionar que a *Frente Parlamentar Evangélica* (FPE) também se constitui como um grupo “identitário” atuante na política de maneira ativa e contundente, portanto, verifica-se nesse grupo fortes relações de poder que o envolvem.

Procedimento técnico inicial

Compreendendo que o problema desta pesquisa consiste em importantes ponderações, foi elaborado o seguinte problema: “*de que maneira o acesso ao mundo universitário interfere nas práticas cotidianas dos estudantes evangélicos?*” Isso em razão de imaginarmos que a realidade desses estudantes seja marcada por conflitos vivenciados por eles quando alunos dos cursos de graduação na área de Ciências Humanas.

Levando em conta que estudar sobre religiosidade no campo científico envolve questões subjetivas relacionadas aos comportamentos dos diferentes sujeitos implicados, ressaltamos a crucial contribuição para o entendimento de tais complexidades, de um estudo exploratório como ferramenta adicional da pesquisa principal, utilizando uma entrevista piloto com três graduandos evangélicos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste (UESB). As entrevistas foram realizadas em dimensões reduzidas. Vale ressaltar que esse recurso metodológico possibilita uma imediata familiarização com o

objeto que está sendo investigado, de modo que a pesquisa possa se desenvolver com maior compreensão, entendimento e precisão.

As perguntas foram elaboradas com a finalidade de identificar em suas relações com o curso escolhido, possíveis razões que justificassem o declínio sobremodo expressivo do acesso dos jovens evangélicos às universidades. Haja vista o embasamento filosófico que os cursos da área de Humanas possuem, particularmente no que tange à teoria evolucionista, ideologia de gênero, sexualidade e Escola Sem Partido (temas que tanto pelos católicos quanto pelos protestantes procuram refutação e que se articularam entorno de uma demanda comum para deslegitimar as Ciências Humanas).

Protestantes e católicos postulam a ideia de doutrinação que as Ciências Humanas promovem nos estudantes, portanto, verifica-se uma disputa epistemológica e curricular aliada a um empenho em invalidar as Ciências Humanas como ciência por parte de ambas as religiões cristãs (CUNHA, 2016).

Utilizamos um roteiro de 07 questões que foi aplicado aos três participantes, com duração de, aproximadamente, 10 minutos por entrevista. Ele está dividido em: a) identificação geral; b) curso universitário c); denominação à qual pertence ou pertenceu; e) sentidos atribuídos à experiência resultante do contato com o conhecimento científico.

Mediante a análise dos dados apresentados, buscamos observar aquilo que nos moveu desde o início desta pesquisa: discutir sobre a temática em questão, sobretudo refletir acerca do modo como os jovens estavam lidando com o confronto da sua formação religiosa com o *ethos* científico.

Ciência e Religião: experiências de três jovens entrevistados

Esta sessão apresenta as análises das narrativas dos sujeitos pesquisados acerca dos contatos que fizeram com o conhecimento científico, na condição de adeptos da religião protestante e membros de Igrejas Pentecostais. Tais narrativas possibilitarão identificar de que maneira esses estudantes percebem seus conhecimentos adquiridos durante o tempo em que frequentam cursos da área de Humanas e, ao mesmo tempo, estão mediados pela prática religiosa.

Os nomes verdadeiros dos jovens estudantes, estão preservados, portanto, os sujeitos serão identificados pelos nomes fictícios de João, Ana e Cecília. Dispusemos as informações abaixo em quadro para facilitar a visualização dos perfis dos entrevistados.

Colaboradores

NOME	IDADE	CURSO	ESTADO CIVIL	DENOMINAÇÃO	FUNÇÃO NA IGREJA
João	23 anos	Ciências Sociais	Solteiro	Assembleia de Deus	Liderança de juventude
Ana	27 anos	Ciências Sociais	Solteira	Nenhuma	Nenhuma
Cecília	30 anos	Ciências Sociais	Solteira	Batista	Nenhuma

Tabela 1: Perfil de colaboradores. **Fonte:** elaborado pelas autoras.

A escolha do curso

Ao perguntar aos entrevistados João, Ana e Cecília sobre por que escolheram o curso de Ciências Sociais, obtivemos as seguintes respostas:

“Eu sempre tive interesse por tudo o que é produzido pela humanidade, além de querer saber como surgiram e como funcionam as instituições e organizações humanas. A minha primeira matrícula na universidade foi no curso de biologia, o qual não me identifiquei onde me deparei com as disciplinas de Diversidade Cultural e Sociologia da Educação. Estas disciplinas aguçaram ainda mais meu desejo inicial e me motivaram a transferir minha graduação, da cogitei a possibilidade de cursar filosofia, mas acabei optando por Ciências Sociais, tendo em vista que a grade curricular me atrai mais.” (JOÃO)

“A escolha do curso de deu por um desencontro que eu tinha tido com as ciências naturais, então pesquisando no site da universidade sobre os cursos que faziam mais o meu perfil, que era bem mais analítico e questionador do mundo me deparei com as ciências sociais, fiz uma pesquisa rápida em como poderia atuar e vi a possibilidade de ir para escola ou seguir carreira acadêmica como um caminho coerente pra mim, já que desde os tempos da escola eu sempre fui a que queria entender o porquê dos processos, do por que acontecia aquilo e muitos dos meus colegas na época já diziam que eu problematizava demais. As ciências sociais foi um encontro comigo e com o outro, apesar de na época não ser uma escolha tão consciente assim, hoje percebo que o curso foi fundamental na minha forma de ler e enxergar a complexidade que é ser humano em sociedade.” (ANA)

“Escolhi esse curso porque me identifiquei com a sociologia e a antropologia, com o despertar para a crítica social que elas propõem, geram estranhamento com o mundo que estamos acostumados a enxergar como pronto e acabado e nos encoraja a levantar questionamentos.” (CECÍLIA)

Com base nessas respostas, inferimos que os três estudantes de origem e prática evangélicas buscaram uma aproximação com a grade teórica do curso escolhido, ao tempo em que demonstram um anseio por um conhecimento mais aprofundado com as correntes de pensamento da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, que são os eixos sustentadores das Ciências Sociais.

Considerando as narrativas dos sujeitos entrevistados, parece-nos oportuno ressaltar que embora sejam jovens leitores de uma literatura teológica, empenharam-se para adquirirem outro tipo de conhecimento: o conhecimento científico presente nas Ciências Humanas, apto a lhes apresentar uma abordagem crítica e reflexiva sobre o mundo social.

Nas três narrativas notamos uma lacuna que precisava ser preenchida. No momento em que os jovens decidem pelas Ciências Sociais, apontam que o curso pode lhes oferecer um amplo panorama de análise sobre a sociedade e um aprofundamento dos conhecimentos sobre teoria sociocultural.

Ainda é possível perceber o desejo que possuíam em, através do conhecimento adquirido ao longo do curso, fundamentar seus argumentos para que a problematização seja feita de modo eficiente. Ocorre que o ambiente religioso possui uma organização, na qual os tipos de leitura são tendenciosos e derivam de uma dominação típica. Desse modo, membros de igrejas evangélicas adaptam-se sem maiores estranhamentos à literatura que lhes é apresentada costumeira e resumidamente, isto é, nem sempre distinguem costume de dominação. Por dominação, Weber (1997) concebe a obediência a uma ordem, ou ao menos à probabilidade pessoal de acatar a um determinado mandato. Ainda para o autor, a dominação possui três formas ou “tipos puros”: dominação legal, dominação tradicional e dominação carismática. Para esta análise, utilizamos as reflexões do autor acerca do último tipo. É baseado na crença no líder religioso, no herói combatente ou no homem político que o tipo de dominação carismática no uso da sua autoridade acontece. Entretanto, não é o reconhecimento do obediente que legitima a autoridade do líder, afinal, uma vez disposto a submeter-se, ele deve acreditar incondicionalmente na sua liderança. Portanto, a fé e a submissão são os pré-requisitos indispensáveis exigidos à legitimidade do carisma do líder. Dotado de um carisma e reverenciado como representante de Deus atuando sob a sua graça, o líder religioso consegue mascarar as práticas autoritárias e dominadoras. Continuamente trabalha pelo cumprimento das regras que ele mesmo estabelece como via de conduta dos seus seguidores.

Na instituição religiosa, o “fazer-se acreditar” (WEBER *apud* COHN, 1997), o mais das vezes convence, mas não garante a ação divina por ele prometida. O não cumprimento das profecias enunciadas pelo líder religioso (profeta) provoca desconfiança em seus seguidores, comprometendo a legitimidade da sua liderança. Na tentativa de evitar tal dano, o líder permanece em estado de alerta para a necessidade de constituir um corpo administrativo atuante em seu favor. Faz parte desse quadro aqueles que lhes são próximos, confiáveis e solidários. É nesse sentido que esse líder utiliza a “expressão organização”.

Contudo, enquanto membros de uma assembleia, esses administradores auxiliares podem em um dado momento agir contra o seu senhor, bloqueando a sua ação e paralisando o seu domínio, ou seja, os membros seguidores são mais fortes que o senhor carismático (WEBER *apud* COHN, 1997). Portanto, decidir ampliar a leitura saltando do conhecimento teológico para o conhecimento científico é um ato de resistência, haja vista o acervo de questões norteadoras do conjunto de releituras com as quais esses jovens farão contato.

Devemos considerar também que não podemos cometer o equívoco da generalização. Um parêntese precisa ser feito para ressaltar que a instituição religiosa possui

um *ethos*, entretanto, há variações em seus códigos internos de conduta que variam de acordo com cada denominação. Logo, seguiremos pontuando as influências das instituições sobre a vida dos indivíduos (DOUGLAS, 2007). Para Douglas, toda teoria depende da sociedade para que suas ideias nela encontrem repouso. O lugar na sociedade que ampara essas ideias é o mesmo que a fundamenta: o “processo cognitivo”, algo que é próprio dos indivíduos, mas que está sujeito às instituições sociais.

Quando um grupo de pessoas é organizado a partir de regras cuja existência dependa da comunhão de interesses, surge uma convenção (IBID., *ibidem*, p. 55). Esta convenção pode ser institucionalizada, haja vista a possibilidade de ser questionada quanto aos motivos pelos quais ela age de modo determinado: “Por que você age assim?” (Ibidem, p. 56). Nesse sentido e de acordo com a metodologia deste trabalho, a igreja pentecostal é a instituição em questão, por serem desta denominação os sujeitos desta pesquisa.

Ciência e o cotidiano

Perguntamos aos nossos entrevistados, individualmente: “qual o impacto que o conhecimento científico causou em sua vida?” Eles nos responderam:

“O conhecimento científico trouxe para mim uma nova forma de interpretar e investigar aquilo que não é tão aparente de início. Em ciências sociais trabalhamos com objetivos do cotidiano, situações que perpassam nossa vida, então o impacto foi avassalador, primeiro porque comecei questionar o que é a verdade, como ela se apresentava pra mim e como ela poderia ser construída e manipulada por interesses distintos e isso de início te choca, te abala, mas ao longo do tempo você percebe o quão é libertador compreender todas as relações as quais você faz parte e pode utilizar esse conhecimento para compreender melhor a vida os outros.” (ANA)

“É como se tivesse tirado do mundo social uma capa. Capa que para uns serve bem, para outros é desconfortável, mas se submetem a aceitar porque é o que nos disseram ser certo. Sempre fui muito questionadora e por vezes senti que a religião me impedia disso. Me diziam que não podia questionar as coisas de Deus. Quando questionava o porquê de certas coisas serem pecado, a resposta era sempre que Deus definiu, Deus quis assim, ou outras formulações de respostas tão rasas quanto. Então o conhecimento científico traz de forma palpável e lógica formas de se pensar o mundo, de questionar a própria realidade, ainda que não traga de fato respostas, fez-me ir além do certo e errado no pensamento.” (CECÍLIA)

“O contato com o conhecimento científico foi enriquecedor em todos os sentidos. A princípio o maior impacto foi causado pela angústia que o conhecimento traz, tendo em vista que abala toda a estrutura que estamos inseridos até então. O questionamento sobre quem somos, o lugar que ocupamos e que o outro ocupa sempre estiveram presentes cotidianamente. Para além disso, o contato com o conhecimento científico foi desafiador, acredito que devido ao fato de ter tido uma formação escolar básica precária e que só me dei conta dentro do ambiente universitário. Toda a minha vida foi reconstruída a partir de então. Tive que abrir mão de minhas convicções, das certezas que havia produzido durante

toda a vida, de muita coisa que me ensinaram e que faziam parte de quem eu era, mas sempre senti isso como um processo necessário e libertador.” (JOÃO)

Interessante ressaltar que o conhecimento científico — particularmente as Ciências Sociais e Humanas — revela-se para esses estudantes como uma ciência que enfatiza: construção; desconstrução; descobertas; questionamentos acerca dos polos maniqueístas sobre os quais se acomodam discussões de temas variados; o mito da certeza; liberdade e libertação. Trata-se de um esforço louvável para conhecer “outras verdades”, afinal, as suas convicções estavam pautadas na única verdade que o discurso religioso possui para apresentar aos seus ouvintes.

Ana, Cecília e João apresentam dois posicionamentos facilmente identificados por Foucault no discurso religioso: a vontade e a verdade, ambas consideradas pelo filósofo como elementos que constituem poder. Vontade e verdade para Foucault (1979) são parte de uma estratégia eficaz na relação saber/poder. Numa instituição religiosa, a vontade conduz aquele que detém alguma autoridade a enunciar a sua verdade como absoluta e irrevogável. O autor diz que...

Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, ‘em torno da verdade’ entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer ‘o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar’, mas o ‘conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1979, p. 13).

A observância das regras da igreja visa à modelação dos seus membros. Dessa ordem surge um indivíduo cujo corpo é disciplinado pelas normas. Ele apresenta um comportamento regulado e o prazer sexual é normatizado e submetido constantemente à avaliação (IBID., Ibidem).

Preocupado com o método de fabricar indivíduos, as obras de Foucault (1979; 1996) exibem seu cuidado em apresentar as estratégias de poder presentes em discursos políticos, religiosos e científicos; o problema central é, portanto, o problema da sujeição. Notamos que as falas apresentam expressões que denotam ensinamentos tradicionais e manipuladores (Ana); Autoritários e indiscutíveis (Cecília); opressivo (João). Ou seja, a religião institucionalizada normatiza e regula o comportamento dos líderes e adeptos.

Exercício acadêmico e crença religiosa

Os três estudantes responderam à pergunta: *“há algum conflito entre o conhecimento científico e a sua crença religiosa?”*

“Religião e ciência para mim são conhecimentos distintos e que cumprem o seu papel nos espaços que são propagados, por isso não há essa tensão conflituosa para mim.” (ANA)

“Quando entrei na universidade, já não era tão evidente em mim o medo ou receio de discordar ou mesmo de questionar minha crença. O conflito com minha sexualidade me colocou cedo em questão com minhas crenças. Acredito que o conhecimento científico me

deixou muito mais à vontade, e me deu chão também. Quando discordo que é da forma que minha crença me dizia, eu queria ter argumento para isso, não podia ficar em vácuo de pensamento sobre determinadas coisas, e o conhecimento científico me trouxe métodos e contanto com outras culturas, sociedades, crenças, costumes. Isso mudou minha forma de me relacionar com minhas crenças.” (CECÍLIA)

“Tudo é conflito. A minha crença religiosa particular, por exemplo, é conflituosa com a crença da maioria dos integrantes de minha própria denominação. Mas eu sempre observei o conflito como algo muito mais produtivo do que a concordância. O conflito sempre foi o ambiente que me possibilitou a mudança. A crença religiosa foi algo que eu tive antes do conhecimento científico, e também foi uma das áreas de maior impacto e conflito. Por diversas vezes tive que reorganizar aquilo que acreditava, mas sentia que a minha crença estava se fortalecendo de alguma forma. A essência daquilo em que acreditava se fortaleceu através do contato com o conhecimento científico, as coisas faziam mais sentido. O maior conflito, no entanto, se deu com as organizações religiosas, tendo em vista a minha tradição cristã protestante, mas a minha visão sempre esteve voltada para cooperar na transformação destas, o que, acredito, não permitiu que eu me desligasse da comunidade de fé que sou participante.” (JOÃO)

A narrativa de Ana apresenta uma assimetria entre religião e ciência. Para ela, são dois ambientes distintos que possuem suas especificidades, sendo assim, para ela a autonomia dos dois campos inviabiliza uma relação estreita e, por conseguinte, a ocorrência de conflitos. A postura dela é, sem dúvida, típica do indivíduo que, ao menos no aspecto intelectual, não se rende às tradições religiosas, aliás, enfraquecidas desde a modernidade com seus “efeitos dissolventes” (WILLAIME, 2012).

A *destraditionalização religiosa* é parte de um processo de mudança sofrida pela sociedade com o advento da modernidade. Ou seja, a religião passou por transformações profundas, capazes de diminuir o seu poder sobre a sociedade. Em contrapartida, a individualização surge triunfante e mantém-se no cenário da atualidade (WILLAIME, 2012). Nesse sentido, referindo-se ao tempo presente, Augé (1992, *apud* WILLAIME, 2012) cita um dos três tipos de excessos, que são “características essenciais da *supermodernidade*”: excesso de tempo; excesso de espaço e excesso de indivíduo. A definição que mais atende às nossas inferências na análise da fala de Sara, ainda discutida, é a de excesso de indivíduo: “Excesso de indivíduo, enfim, na medida em que o próprio indivíduo se projeta em um mundo particular e que as referências se individualizam ao ponto de tornar-se difícil uma afirmação coletiva de significados” (AUGÉ, 1992, *apud* WILLAIME, 2012, p. 171).

João, por sua vez, afirma que há uma simetria entre a ciência e a religião, na medida em que narra a necessidade de reorganizar a sua crença quando se sentiu impactado pelo contado com o conhecimento científico. Sobre essa simetria, Latour postula que é importante que os saberes científicos sejam capazes de serem passíveis de questionamentos de problematizações desde que os cientistas se disponham a ultrapassar os seus limites:

“O primeiro princípio de simetria oferece a incomparável vantagem de livrar-nos dos cortes epistemológicos, das separações a priori

entre ciências “sancionadas” e ciências “proscritas”, e das divisões artificiais entre as sociologias do conhecimento, da crença e das ciências” (LATOURE, 2008, p. 93).

Cecília afirma que o arcabouço teórico científico lhe conferiu poder para argumentar objetivamente acerca da sua sexualidade que, segundo ela, era objeto de conflito com a sua crença. Ou seja, a igreja da qual ela era membro, não lhe dava respostas quando questionava sobre sexualidade.

Foucault (2005) afirma que as culturas cristãs usam a sexualidade como “sismógrafos de nossa subjetividade”, isto é, para ele, os cristãos fazem a medição daquilo que é intrínseco aos indivíduos — quem e o que somos — a partir do seu entendimento sobre a sexualidade. Dessa perspectiva, supõe-se que o corpo expressa o caráter das relações que os indivíduos estabelecem com o mundo a partir do seu posicionamento no trato da sexualidade.

Conclusão

É bem verdade que pensamos em entender as reações dos nossos entrevistados nesta pesquisa, frente ao cenário em cuja arena estão a ciência e a religião, especificamente nesta pesquisa, cientistas sociais religiosos. Constatamos, no entanto, que cada um deles possui ideários autônomos, os quais constituem significados que eles dão ao mundo científico, ao espaço da religião e a si próprios. Sem sermos categóricos sobre os relatos dos sujeitos, parece-nos que Cecília hierarquiza e não apenas diferencia a ciência da religião, mas não podemos desprezar as significações que correspondem às vivências, e aos construtos socioculturais dos sujeitos que eles são.

A religião é um campo que possui sentidos variados, porque é um campo com ampla área de significação. Neste trabalho percebemos que cada entrevistado produziu um sentido para as suas experiências religiosas, entretanto, quando mencionaram o conhecimento científico, atribuíram a ele o *status* de um agente transformador capaz de redirecionar seus olhares para a sociedade. O que com consideramos muito interessante ao nos depararmos com sujeitos religiosos protestantes é blindagem dos pressupostos da instituição. Notamos que dificilmente serão remodelados. Em contrapartida, acompanhamos as mudanças constantes nas concepções científicas, o que comprova a inexistência de verdades eternas.

Referências

COHN, G. **Weber: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CUNHA, L. A. **O projeto reacionário de educação**. Disponível em: <http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/ProjReacEd_livro.pdf>. Acesso em: Abril de 2018.

DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam**. Universidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2007.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**. 3.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

FABIEN, J. **Sociologia da Religião: estudo comparativo entre Durkheim E Weber**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Campinas, 2015.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16.ed. São Paulo: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião.** Portal Censo 2010 – IBGE. 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia>>. Acesso em: Abril de 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Portal Biblioteca IBGE. 2010. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.ppd>. Acesso em: Abril de 2019.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos, ensaio de antropologia simétrica.** Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

LOPES, A. C. **Por um currículo sem fundamentos.** Linhas Críticas, vol. 21, núm. 45, Universidade de Brasília, Brasília, maio-agosto 2015.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, 1976 reimpressão.

OLIVEIRA, M. B. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo.** 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Tradução de Antonio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLAIME, J.-P. **Sociologia das Religiões.** Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Sueline Gusmão Soares

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UESB. Participante do Grupo de Pesquisa Teoria, Política, Currículo. Bolsista FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: suelgusmao@outlook.com

Núbia Regina Moreira

Doutora em Sociologia (Universidade de Brasília). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas – GEPPE (UESB). E-mail: nreginamoreira@hotmail.com